



O ESTUDO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA OS DEFICIENTES VISUAIS DO IC/CG

Sonia Maria de Lira (1); Maria José Elaine Costa Silva (1); Raphaela Barbosa de Farias (2) Andreza Kelly Guedes de Medeiros (3).

Universidade Federal de Campina Grande, elainevc_08@hotmail.com, rappha_rj@hotmail.com, andreza.guedes.medeiros@gmail.com

Introdução

A geografia contribui para o entendimento sobre a apropriação humana do espaço geográfico e, por isso, tem extrema importância na atualidade, pois consegue dar respostas sobre as diversas transformações socioespaciais que se operacionalizam na contemporaneidade. Da mesma forma, a geografia escolar também proporciona condições para a análise e interpretação dos fenômenos socioespaciais. Contudo, o ensino de geografia ainda continua sendo trabalhado de forma tradicional. Segundo Lira (2014, p. 299/300):

[...] o ensino tradicional permanece predominante na prática da disciplina escolar, pois se mantém a transmissão e repassagem de dados formulados por meio da descrição e memorização das informações espaciais. Um ensino de geografia ligado aos fatos descritos, sem qualquer envolvimento com a realidade vivenciada pelo aluno ainda é muito forte na atualidade.

Além disso, as individualidades na construção do conhecimento geográfico não conseguem ser respeitadas, porque não existem condições de trabalho e de formação que garantam os mecanismos adequados para que os profissionais da educação oportunizem a aprendizagem valorizando as potencialidades individuais e coletivas.

Sendo assim, os estudantes portadores de deficiências visuais possuem imensas dificuldades em se apropriar dos conceitos geográficos apenas através das exposições orais feitas pelos professores de Geografia. Como também, quase inexistem nas escolas



materiais pedagógicos que contribuam para que estes estudantes avancem em seus conhecimentos geográficos.

Neste sentido, o trabalho aqui apresentado tem o objetivo de analisar como os deficientes visuais (DV) constroem os conceitos geográficos de lugar e paisagem no Instituto dos Cegos de Campina Grande (IC/CG) utilizando-se de maquetes interativas.

A pesquisa está ocorrendo concomitante com o projeto de extensão intitulado “Oficinas de Geografia para deficientes visuais” oferecido pelo Laboratório de Ensino e Geografia da UAG/UFCG. Este trabalho tem relevância social e acadêmica, porque existem estudos sobre a construção conceitual geográfica em estudantes videntes, porém com estudantes cegos esta análise não tem sido evidenciada.

Segundo Vygotsky (1983, p. 116):

Quando transmitimos um conhecimento sistemático à criança, ensinamos-lhe muitas coisas que esta não pode ver e experimentar diretamente. Como os conceitos científicos e os conceitos espontâneos diferem pela relação que estabelecem com a experiência da criança e pela atitude da criança relativamente aos seus objetos devemos esperar que sigam caminhos de desenvolvimento muito diferentes desde a sua gestação até a sua forma final.

Os estudantes com deficiências visuais também seguem caminhos cognitivos diferentes na construção dos conceitos espaciais. Entre os conceitos fundamentais trabalhados pela geografia podemos destacar: espaço, paisagem, lugar, território e região, mas no IC/CG priorizamos trabalhar com os conceitos de lugar e paisagem.

De acordo com Callai: “estudar e compreender o *lugar* em Geografia significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas” (2002, p. 84). Ou seja, é preciso analisar o espaço em suas inter-relações.

Silva (2014, p. 55) resgatando o pensamento de Tuan (2014) e relacionando com as interações socioespaciais entre os DV e o IC/CG destaca que,

[...] os seres humanos são os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos [e que] a afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

experiências íntimas e aconchegantes. Fato constatado pela percepção que os deficientes visuais têm em relação ao IC-CG.

Destarte, é no contato socioespacial dos DV com a instituição que as inter-relações ocorrem. Por isso, utilizamos a maquete do IC/CG e seu entorno para que o debate sobre o lugar e a paisagem fosse aprofundado, já que estes conceitos podem ser construídos a partir de elementos espaciais mais próximos destes sujeitos.

Segundo Santos (2008, p. 67/68) “tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”. Sendo assim, a paisagem não é formada apenas pelo que é visível, mas pelo que pode ser percebido pelo conjunto dos sentidos (os quais podem ser utilizados pelos deficientes visuais). Ela compreende a paisagem artificial com os objetos produzidos pelo homem e a paisagem natural. Contudo, as paisagens naturais estão cada vez mais difíceis de encontrar, e as que existem são palco de grandes interesses. A paisagem é a interação do natural com o artificial.

Metodologia

Vários pesquisadores, entre eles antropólogos, sociólogos e educadores, já têm utilizado a observação participante há algum tempo. Segundo Brandão (1999, 12) “é necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir”. Na Geografia ela tem sido pouco usada. Contudo, pode contribuir muito com a análise socioespacial crítica e comprometida com mudanças. Nesta perspectiva, este trabalho está sendo desenvolvido a partir da pesquisa participante, valorizando os atores envolvidos no Instituto dos Cegos de Campina Grande e integrando investigação, educação e participação social. Isto é possível, pois está ocorrendo concomitante ao projeto de extensão já citado anteriormente. Entre os instrumentos metodológicos da investigação



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

utilizamos: o estudo preliminar e provisório do grupo do IC/CG, a observação como atividade contínua; os registros dos depoimentos dos sujeitos e as análises de suas percepções sobre os conceitos enfatizados.

Resultados e Discussão

Identificamos que alguns dos deficientes visuais trazem percepções semelhantes sobre o lugar do IC conforme os seguintes relatos: estudante A: “eu prefiro estar aqui à minha própria residência” e o estudante B cita que: “aqui é como minha segunda casa”, ambos referindo-se a este espaço como local de segurança e afetividade. Já a estudante C diz: “o Rio, local onde eu nasci, é o meu lugar”, retratando a importância daquele município em sua vida. Nos três casos a relação com o lugar está cheia de subjetividades.

Lana Cavalcanti (1998, p. 91) resgata que,

Se a relação entre sujeito e objeto no processo de conhecimento como um todo tem uma dimensão subjetiva, no caso deste conceito o apelo ao subjetivo parece ser mais forte, uma vez que antes de conceituar os alunos já têm uma experiência direta com o lugar, com o seu lugar [...] A compreensão de que lugar só pode ser entendido como expressão da totalidade, inacabada, aberta e em movimento, leva à necessidade de ampliar o entendimento do vivido para o concebido.

Nesta perspectiva, o debate sobre o conceito de lugar foi ampliado para que os estudantes enfatizassem aspectos do IC/CG que os conectassem com outros lugares. E eles enfatizaram que participavam de eventos paraolímpicos, que conheciam outros municípios e estados em excursões, inclusive visitaram shoppings. Ademais, possuem aulas de computação para se comunicarem com pessoas em diversos lugares diferentes. A mediação dos pesquisadores ampliou a reflexão sobre o lugar do IC com suas inter-relações com locais mais distantes, pois conforme Santos (1996, p. 152) “cada lugar é, a sua maneira, o mundo [...]”.

A análise sobre o conceito de paisagem, a partir do uso da maquete do IC/CG, foi iniciada com o seguinte questionamento: “Existe paisagem neste local?”



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Respondendo o estudante D diz que: “a piscina, a quadra, aquele negócio que fica em frente à piscina [são paisagens]”. Já o estudante E cita: “a pista, os prédios, a quadra [como paisagens]”. E a estudante F fala que: “a piscina, a quadra, tudo isso é paisagem”. Outro estudante amplia para elementos do entorno do IC citando: “a rua [e o] canal, [como também] o refeitório, o alojamento, a escada”. Ou seja, todos os estudantes resgatam apenas os elementos produzidos pelo ser humano, sem retomar elementos naturais existentes como árvores (presentes na maquete), e apresentam a paisagem como algo estático, que não apresenta dinâmica. A seguir fotos nº 01 e nº 02 deste trabalho.

Foto Nº 01: Maquete do IC/CG



Foto Nº 02: Maquete do IC/CG



Fonte: FERREIRA e NASCIMENTO, 2015.

No momento em que as pesquisadoras disseram que a maquete foi elaborada em meses anteriores, e que a paisagem teve transformações neste período, houve dificuldades em identificar (através do toque) as mudanças ocorridas na estrutura física do local, demonstrando novamente a idealização da paisagem como algo estático. Apenas o estudante H falou: “Sim, a sala de estar. Antes era uma sala normal”. Neste caso, ele percebeu que a paisagem se modificou, a partir da ação humana.

Em relação aos aspectos da paisagem que dificultam a acessibilidade dos DVs ao IC/CG citaram: as calçadas irregulares, o Canal do Prado, a ausência de um sinalizador sonoro como elementos dificultadores, demonstrando possuírem avaliação crítica quando às necessidades de locomoção e enfatizaram ser o governo ou o prefeito os responsáveis por encaminhar a infraestrutura necessária à acessibilidade deles.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Verificamos também que já houve mobilização destes segmentos pela melhoria desta infraestrutura, mas que os poderes públicos não se manifestaram. E, que, a análise da paisagem proporcionou uma retomada da discussão para novas mobilizações com os entes governamentais.

Conclusões

A pesquisa, aqui apresentada, ainda está em andamento e por isso outros aspectos das análises socioespaciais dos estudantes precisam ser complementados. Contudo, conseguimos verificar as diferenciações nos níveis conceituais dos estudantes e que a mediação dos profissionais favorece para que suas individualidades sejam respeitadas e a construção do conhecimento geográfico seja garantida. Isto pode contribuir para que sua inserção no mundo seja mais consciente, crítica e atuante.

Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C. Estudar o Lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. CALLAI, H. C. KAERCHER, A. N. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre, Mediação, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 2005.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SANTOS, C. O uso dos desenhos no Ensino Fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, N. N. (Org.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.